

---

## **Notícias da Índia... – Gil Vicente e a desmistificação do triunfo da expansão ultramarina portuguesa no Oriente**

*News from India... – Gil Vicente and the demystification of the triumph of Portuguese overseas expansion in the East*

Rui Tavares de Faria

Universidade dos Açores / CECH – Universidade de Coimbra

### **DOI:**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n55a1424>

### **RESUMO**

A descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1498, é um dos marcos mais importantes da História de Portugal. Inicia-se um novo ciclo, cantado como triunfo e glória, que traz à pátria lusitana uma série de mudanças a vários níveis. Gil Vicente (c.1465-c.1536), contemporâneo desse fenómeno, é um dos autores que, no século XVI, procura mostrar, através da arte teatral, que os Descobrimentos e a expansão ultramarina também foram nocivos à sociedade portuguesa da era de quinhentos. Em mais do que uma peça, o dramaturgo condena, pela sátira e pela paródia, a ambição que levou tantos portugueses a deixar o país rumo às terras do Oriente, deixando ao abandono famílias e entes que ficaram à espera de um regresso (desde logo incerto). No presente artigo, comenta-se a desmistificação do triunfo da expansão ultramarina no *Auto da Índia*, peça que Gil Vicente fez representar pela primeira vez em 1509, em Almada, à Rainha D. Leonor (1458-1525).

**PALAVRAS-CHAVE:** Gil Vicente; Índia; Expansão; Triunfo; Desmistificação.

## ABSTRACT

The discovery of the sea route to India in 1498 is one of the most important milestones in the history of Portugal. A new cycle begins, celebrated as triumph and glory, which brings to the Lusitanian homeland a series of changes on various levels. Gil Vicente (c.1465-c.1536), a contemporary of this phenomenon, is one of the authors who, in the 16th century, shows through theatrical art that the Discoveries and overseas expansion were also harmful to Portuguese society of the 1500s. In more than one play, he condemns, through satire and parody, the ambition that led so many Portuguese to leave the country for the lands of the East, abandoning families and loved ones who were left waiting for a return (initially uncertain). This article discusses the debunking of the triumph of overseas expansion in *Auto da Índia*, a play by Gil Vicente first performed in 1509 in Almada, before Queen D. Leonor (1458-1525).

**KEYWORDS:** Gil Vicente; India; Expansion; Triumph; Demystification.

## INTRODUÇÃO

Considerada um documento de época de valor significativo, “a obra de Gil Vicente tem sido frequentes vezes sujeita a uma ‘leitura dirigida’ não só para caracterizar a vida de certos meios da sociedade portuguesa do início do século XVI como também para definir, ou ajudar a definir, a posição ideológica do autor” (Cruz, 1990, p. 7). Com efeito, a produção vicentina representa o tecido social português da era de quinhentos, seja por meio da teatralização do quotidiano da altura – através de episódios banais ou através de situações e acontecimentos históricos –, seja pela tipificação de figuras humanas que corporizam vícios e/ou virtudes com implicações no comportamento social. Gil Vicente está, portanto, atento à realidade sua contemporânea, e os seus autos deixam perceber a sua posição relativamente aos mais diversos âmbitos, político, económico, reli-

gioso, social, cultural e literário,<sup>1</sup> porque “a vida quotidiana (neles se) reflete em mais de um modo” (Camões, 2018, p. 55).

Por ter vivenciado e experienciado o impacto fulguroso dos Descobrimentos e da expansão ultramarina, o “pai do teatro português” tem naturalmente autoridade para se pronunciar acerca dos efeitos que, desde finais do século XV, a aventura marítima foi causando na sociedade portuguesa de então. Enquanto certos poetas e prosadores de quinhentos – como Luís de Camões (c. 1525-1580), João de Barros (c. 1496-1570), Damião de Góis (1502-1574) e Fernão Lopes de Castanheda (c. 1500-1559) – tendem a priorizar nas suas obras a fação triunfalista das descobertas, reconhecendo o heroísmo do “peito ilustre Lusitano” e enaltecendo os protagonistas dos feitos d’além-mar, outros há, como Gil Vicente (c. 1465-1536), Diogo do Couto (c. 1542-1616), Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) e Fernão Mendes Pinto (c. 1510-1583), que dão a conhecer o que de menos bom e o que de negativo essas mesmas descobertas trouxeram ao povo português.

É nesta perspectiva que se inscreve o *Auto da Índia* e não apenas, ou exclusivamente, na ideia de denunciar a infidelidade conjugal por via das cenas de adultério cometido pela protagonista, como assinalam alguns estudos e/ou verbetes (Cf. Braga, 1974, v. I, p. XX; Révah, 1997, p. 76). Na verdade, “aproveitando a chegada da armada de Tristão da Cunha, que partira em 1506 e regressa com cinco naus carregadas de milhares de quintais de especiarias, aljófar e pedrarias, Gil Vicente constrói em 1509 o *Auto da Índia*” (Cruz, 1990, p. 256), precisamente uma década depois de ter sido descoberto o caminho marítimo para a Índia, para dar conta da outra face dos Descobrimentos. Este facto confere relevância e credibilidade à denúncia e à paródia que

<sup>1</sup> Para um estudo mais aprofundado, ver Costa (1989).

o dramaturgo faz da expansão ultramarina portuguesa no Oriente. Isto porque há proximidade cronológica entre a data da chegada dos portugueses à Índia, a expedição de Tristão da Cunha (c.1460-c.1540) – 1.º Senhor de Gestaço e de Panóias, cavaleiro do conselho d’El-Rei D. Manuel I, explorador e comandante naval, nomeado, em 1504, o primeiro vice-rei e governador da Índia – e a representação da peça vicentina em 1509.

Assim, de modo a comentar fundamentadamente a desmistificação do triunfo das expedições lusitanas em território indiano que Gil Vicente se propõe representar no *Auto da Índia*, estruturamos a nossa reflexão em três partes, as quais correspondem, ao nível da estrutura interna da peça, aos três momentos em que se desenrola a ação dramática: 1. a partida; 2. a ausência; 3. o regresso. Em qualquer uma destas partes há notícias da Índia, implícitas e/ou explícitas, que devem ser consideradas para a revelação dos efeitos menos favoráveis e menos vantajosos que também advieram da expansão ultramarina no Oriente.

#### **A PARTIDA**

Moça        é porque se parte a armada? (v. 2)

Ama        eu hei de chorar por isso? (v. 4)

O momento que incide sobre a partida do marido de Constança para a Índia (v. 1-93)<sup>2</sup> reveste-se de importância não só para nos apresentar as personagens femininas da peça, a Ama e a sua Moça, como também para nos dar as primeiras notícias da Índia. Do diálogo que se desenrola entre as duas mulheres fica-se a saber: 1. da motivação que leva tantos portugueses às terras do Oriente; 2. da logística que

---

<sup>2</sup> As citações de *Auto da Índia* são feitas, ao longo do texto, apenas com referência ao número dos versos.

tal viagem implica em termos familiares e domésticos; e 3. do modo como reagem os que ficam em relação aos que se vão.

É motivado pela ambição e pelo desejo de enriquecer facilmente que o marido de Constança – assim como muitos outros portugueses – embarca na armada de Tristão da Cunha rumo “à sua negra canela” (v. 31). A perífrase metonímica através da qual a Ama se refere à Índia (“negra canela”) evidencia um dos principais motivos que impulsionaram a busca pelo território oriental: o interesse estratégico na rota comercial das especiarias.<sup>3</sup> Raras e caras, as especiarias eram muito apreciadas na Europa da época. As mais importantes – pimenta, gengibre, cravo e canela – davam lucros generosos, pelo que a ideia de poder enriquecer à custa do comércio de especiarias seduziu, durante várias décadas, os portugueses, levando-os a partir com destino às terras desconhecidas do Oriente com o objetivo de melhorar em termos financeiros e económicos.

As notícias que vinham da Índia suscitavam a curiosidade dos portugueses. A expectativa de um futuro melhor na pátria lusitana é o estímulo que alenta o marido de Constança, e também a jovem Moça que, apesar de ter ficado em casa, não se esquece da possibilidade de uma melhoria risonha, a troco da cumplicidade que mantém com a patroa em matéria de omissões e outros assuntos (v. 46-54):

Ama	Cantando vem ela e leda.
Moça	Dai-m’alvíssaras senhora já vai lá de foz em fora.
Ama	Dou-te ãa touca de seda.
Moça	Ou quando ele vier dai-me do que vos trazer.

<sup>3</sup> Para um estudo mais aprofundado acerca do assunto, consulte-se a recente obra de Crowley (2025).

Ama            Ali muit'ieramá  
                 agora há de tornar cá  
                 que chegada e que prazer.<sup>4</sup>

Pelo que é dado a entender, a Índia está associada à ideia de riqueza e prosperidade, notícia que até circula entre criados e criadas. As réplicas da Moça atrás transcritas supõem um desejo que encerra, pelo menos, dois sentidos: a convivência com o *modus uiuendi* adúltero da patroa Constança há de garantir-lhe uma boa recompensa e, ato contínuo, a obtenção de alguma compensação da Índia pode abrir portas a outras oportunidades de vida a quem se encontra ao serviço doméstico de um patronato ambicioso, mas, no fundo, remediado. Das palavras da Moça “poderemos retirar pormenores e linhas de força que, se, por um lado, refletem o quotidiano e as aspirações que tal acontecimento provoca, por outro fornecem-nos dados sobre a experiência vivida e, sobretudo, um julgamento dessa mesma realidade” (Cruz, 1990, p. 257).

Paralelamente, a partida para a Índia implica preparativos. Na peça vicentina, não se refere o que terá levado o marido da protagonista. Sabe-se que a Ama andou “a amassar e biscoutar” (v. 29), isto é, a fazer pão torrado cozido duas vezes – o pão era assim processado para durar mais tempo, por causa da duração das viagens –, nada mais se esclarece quanto à bagagem do marido. Já para quem fica, a partida rumo à Índia implica deixar (bem) abastecido o agregado familiar (v. 64-66), conforme recorda a Moça: “Todos ficassem assi / leixou-lhe pera três anos / trigo azeite mel e panos”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Para as citações do *Auto da Índia* (2002), segue-se a edição publicada sob a direção científica de José Camões.

<sup>5</sup> Sobre os alimentos e a alimentação no século XVI, ver Fernandes (2002).

Curioso é verificar como os objetivos que motivam a partida do marido continuam a ser os mesmos que, na atualidade, desencadeiam fluxos migratórios. Se os Descobrimentos e a expansão ultramarina constituem o momento a partir do qual os portugueses começaram a abandonar a pátria sob pretextos vários, de entre os quais se destaca o enriquecimento rápido (e fácil), ao longos dos séculos e até nos dias de hoje o cenário não nos é de todo estranho. Perdido o Império da Índia, o povo português voltou-se para o Brasil e para as colónias africanas. Fonte de riqueza, mas também causa de vitupérios, como a escravatura e a tirania, os territórios por onde os portugueses passaram foram outras “Índias”, cujas notícias que chegavam à pátria coincidiam, afinal, com as mesmas que Gil Vicente procura dar na sua peça de 1509.

Mais recentemente, também se tem assistido em Portugal a situações semelhantes. Se, na década de 40/50 do século passado, a tendência era os portugueses emigrarem para certos países europeus, como a França e a Alemanha, ou para o Estados Unidos e Canadá, e aí suprirem a mão-de-obra nos sectores socioprofissionais direcionados a gente menos escolarizada, no novo milénio a partida de jovens licenciados e especializados para países do médio oriente, como os Emirados Árabes Unidos, ou para certas latitudes do norte da Europa ou da América, com vista à empregabilidade e à melhoria da vida económica e profissional, assume-se como uma espécie de atualização do enredo do *Auto da Índia*.<sup>6</sup> É caso para se dizer que Gil Vicente teatralizou no seu drama um ideário intemporal.<sup>7</sup> A

---

<sup>6</sup> Consulte-se, a propósito, os dados, as informações e os testemunhos que constam do Observatório da Emigração, disponíveis em <https://observatorioemigracao.pt/>.

<sup>7</sup> Sobre o carácter intemporal da peça vicentina, ver Alves (2002).

partida justifica-se porque a pátria não oferece as condições que a inviabilizam.

### A AUSÊNCIA

Ama            Quem há tanto d'esperar? (v. 81)  
                 Partem em Maio daqui  
                 quando o sangue novo atiga  
                 parece-te que é justiça? (v. 91-93)

De acordo com a fala da Moça antes transcrita (v. 64-66), prevê-se que o marido de Constança fique ausente durante, pelo menos, três anos. Que notícias da Índia haverá ao longo desse período? De que forma a jovem esposa as receberá? Tanto quanto nos diz a peça de Gil Vicente, não há novas do Oriente enquanto o homem se encontra fora, o que não invalida uma série de hipóteses que resultam de uma hermenêutica fundamentada do que se pode deduzir e ler nas entrelinhas da peça.

A falta de notícias da Índia fica a dever-se a vários fatores. Primeiramente, há a considerar a circunstância óbvia: a distância. Não havia mensageiros que se ocupassem de dar notícias às famílias dos que partiam com a esperança de uma melhoria de vida. A aventura que estes anónimos viviam não era de todo relevante para quem estava ao serviço direto da Coroa portuguesa. Por isso, aqueles que rumavam à Índia iam com uma certeza: a de talvez não poder nunca regressar.

Depois, pelo modo como Constança caracteriza a sua relação conjugal, dizendo à Moça que trai o marido mesmo quando ele vai pescar, é de supor que ele lhe correspondesse na mesma moeda. O mesmo é dizer que, na Índia, seria provável que os homens se envolvessem com outras mulheres (Cf. v. 480-487). Apesar de não haver, no que toca à época de Gil Vicente, testemunhos rigorosos acerca



dessa questão, sabe-se que, na era moderna, foi – e será ainda – frequente os emigrantes – que também se ausentaram da pátria rumo a terras desconhecidas – constituírem uma segunda família no destino para onde partiam.<sup>8</sup> Assim, a haver notícias da Índia relativas a esse assunto seriam porventura relatos de envolvimento extraconjugais dos homens portugueses com mulheres nativas.

Como não as há, pelo menos de forma direta e explícita no auto vicentino, pôde Constança aproveitar e aproveitar-se (d)a ausência do marido, dando-se ao desfrute de receber em sua casa um castelhano e um antigo namorado de nome Lemos. Ciente de que o marido pode nem sequer regressar da Índia – o que era, no fundo, vontade sua –, a Ama “mostra que não nutre nem amor nem devoção por ele e deixa claro que o tempo em que ficará sozinha será de alegria e prazer” (Palla, 2014, p. 109) e dá a entender precisamente isso à Moça, quando lhe diz (v. 74-80):

Ama	estará bem graciosa quem se vê moça e formosa esperar pola ira má. I se vai ele a pescar mea légua polo mar isto bem o sabes tu quanto mais a Calecu.
-----	---

Em terceiro lugar, importa ter em conta que as uniões conjugais não dependiam da correspondência sentimental entre marido e mulher. Não existindo paixão e/ou amor entre os cônjuges, como nos parece que não havia entre Constança e o marido, a falta de no-

---

<sup>8</sup> Leia-se, a propósito, o estudo de Matos, Dias e Almeida (2009) sobre o lugar da mulher na vida de esposa do emigrante, numa perspetiva atual e/ou mais recente.

tícias de quem partia para outras paragens, fosse para a Índia ou para outro qualquer apeadeiro do conjunto das rotas marítimas que percorriam os navegadores portugueses, não causava preocupação a quem ficava na terra-pátria. A peça de Gil Vicente sugere esta linha hermenêutica: como a esposa se vê sem o marido, não reclama notícias dele, e procura viver a sua mocidade. Na obra *O Amor em Portugal na Idade Média*, a autora refere que,

paralelamente ao amor subjugado às normas sociais, convencionais e familiares, existia um amor praticado mais livremente por cada um e para seu próprio prazer. Não podemos esquecer que, em todo este período, a mobilidade masculina era uma constante, fosse pela guerra ou pelo comércio, ou, mais tarde, pela atração das descobertas. Muitos destes homens eram casados, deixando as suas mulheres e filhos durante, por vezes, longos meses ou anos (Oliveira, 2020, p. 158).

As considerações de Oliveira mostram que “a mobilidade masculina” é propícia à prática de infidelidades conjugais. Na peça vicentina, evidencia-se que acontecem de facto e são cometidas por quem fica em casa, para que se torne “alvo de disputa verbal direta ou de debate plurivocal (...) o estatuto da mulher na sociedade da época, repartida entre os impulsos que as circunstâncias favorecem e os deveres impostos pela moralidade da sociedade” (Cardoso Bernardes, 2006, v. I, p. 163), mas sugere-se, aquando do regresso do marido, que também sucedam nos territórios para onde partem os homens casados. O fenómeno das Descobertas e da expansão ultramarina terá promovido efetivamente os casos de adultério. Desde que a ausência do cônjuge masculino tenha permitido à mulher subsistir e/ou viver bem, não se justificam notícias nem da Índia, nem de Portugal, seja a respeito do que for.

Mais uma vez Gil Vicente estimula a reflexão sobre um tópico que não é exclusivo da era de quinhentos. A ausência de um dos cônjuges, seja por longos períodos ou por um breve momento que seja, pode suscitar a infidelidade como resposta a impulsos físicos e a desejos sexuais que não são refreados pelo amor ou pela paixão. O marido da Ama não precisou de ir à Índia para que ela o traísse. A temática do adultério é recorrente no panorama geral da literatura portuguesa. Já a poesia trovadoresca galaico-portuguesa glosava a infidelidade amorosa tanto ao nível sentimental, como se verifica nalgumas cantigas de amigo,<sup>9</sup> como ao nível satírico, conforme se pode ler em certas cantigas de escárnio e maldizer,<sup>10</sup> e o filão foi sendo recuperado e recriado por autores de todos os tempos, tendo alcançado talvez no século XIX o protagonismo estruturante da prosa romanesca.<sup>11</sup>

Por se tratar de um tópico antropológico e sociológico comum a qualquer época e sociedade, o adultério é ainda uma circunstância com impacto na atualidade e na sua base continua a estar, como causa fundamental, a ausência de um dos elementos que compõem a relação conjugal. Assim, o *Auto da Índia* é apenas mais um exemplo ou mais um caso (ficcional?) de que a traição amorosa é promovida pela falta de notícias que, na peça em apreço e noutras situações reais, não são dadas ou reclamadas por nenhum dos cônjuges. Embora se possa admitir que a confiança dispensa qualquer notícia ou con-

---

<sup>9</sup> Leia-se, apenas para dar alguns exemplos, as cantigas “Quando se foi meu amigo” (B 827, V 413), de Afonso Anes de Cotom, ou “Non chegou, madr’, o meu amigo” (B 531, V 169), de D. Dinis, nas quais a traição e a mentira são o tema dominante.

<sup>10</sup> Ver as cantigas “Dade-m’alvíssara, Pedr’Agudo” (B 1639, V 1173), de Pero da Ponte, “Dom Pero Núñez era em Cornado” (B 1468, V 1078), de João Airas de Santiago, nas quais se parodia a figura do marido traído.

<sup>11</sup> Cf. Velez (2001), Outeirinho e Oliveira (2020).

tacto entre o par, o silêncio e a ausência física acabam por condenar a relação sentimental. Neste sentido, ganha autoridade e crédito o adágio popular que dita “longe da vista, longe do coração”, o mesmo é dizer que a ausência arrefece a chama da paixão e pode levar à prática do adultério.

### O REGRESSO

Moça	Ai, senhora! Venho morta: noss'amo é hoje aqui.
Ama	Má nova venha por ti perra excomungada torta. (v. 384-387)

A reação de Constança ao regresso do marido confirma o desinteresse que ela não escondeu durante a sua ausência. Mas é a partir desse momento que há efetivamente verbalização de notícias da Índia, desta feita pela boca do retornado. O diálogo que entre ele e ela se trava é particularmente importante para se perceber a desmistificação do triunfo expansionista que Mestre Gil se propõe representar no seu auto.

Em primeiro lugar, são os perigos experimentados durante a travessia marítima que constituem as notícias que o marido conta à mulher (v. 429-430): à pergunta da Ama “Ora como vos foi lá?”, responde o Marido: “Muita fortuna passei.”

Por “fortuna” entenda-se o conjunto de circunstâncias ou acontecimentos que, no caso da personagem, se revelam pouco propiciatórias. Na verdade, o advérbio “muito”, anteposto a “fortuna”, sugere o tamanho esforço despendido (ou medo sentido) pelo homem perante as contrariedades e as situações adversas da navegação, por causa das condições meteorológicas, leitura que se confirma quando, poucos versos depois, o marido continua a informar Constança do que sucedeu à armada (v. 438-441; 457; 460-463):

Marido      E nós cem léguas daqui,  
                  saltou tanto sudoeste,  
                  sudoeste e oes-sudoeste,  
                  que nunca tal tormenta vi.  
                  [...]  
                  Durou-nos três dias.  
                  [...]  
                  Fomos na volta do mar  
                  quase quase a quartelar:  
                  a nossa Garça voava,  
                  que o mar s'espedaçava.

Consciente das dificuldades com que se depararam os navegadores e aventureiros portugueses da altura, parece-nos que Gil Vicente questiona, por meio dessas intervenções do marido retornado, se valerá a pena rumar com destino à Índia – ou a outras paragens – em nome da ambição e da ganância.<sup>12</sup> De certo modo, o dramaturgo antecipa a desmistificação triunfalista dos Descobrimentos apregoada pela personagem Velho do Restelo de *Os Lusíadas* (Cf. Canto IV, est. 94-104).

As notícias prosseguem, ainda sobre a viagem, e dão a conhecer a ação dos marinheiros numa das escalas antes de atracarem em território indiano (v. 464-467):

---

<sup>12</sup> De acordo com informação disponibilizada pelo Instituto Camões relativamente às navegações portuguesas, pode ler-se o seguinte: “A longa rota percorrida pelos navios portugueses desde a viagem de Vasco da Gama, entre Lisboa e a Índia, por via do Cabo da Boa Esperança, transformou-se, por vezes, num palco de catástrofes. De acordo com as estimativas feitas, admite-se que nos séculos XVI e XVII naufragou um navio em cada cinco dos que partiram com destino à Índia. Se limitarmos o período ao século XVI e à primeira metade do XVII, a percentagem de perdas atingiu quase 25%” (Koiso, 2002-2005).

Marido      Fomos ao rio de Meca,  
                 pelejámos e roubámos,  
                 e muito risco passámos  
                 à vela, e árvore seca.

Não constituem motivo de orgulho as informações dadas pelo marido de Constança. No “rio de Meca”, i.e., no Mar Vermelho, segundo nota de Marques Braga (1974, p. 114), os portugueses pilharam, conduta pouco digna para quem é tomado e cantado como herói, paradigma de coragem e ousadia. Notícias semelhantes são as que dá Fernão Mendes Pinto na sua *Peregrinação*,<sup>13</sup> testemunho autobiográfico que valida o relato da personagem vicentina.

Paralelamente, voltam a ser notícia os momentos tormentosos a que está sujeita a frota. De novo o marido refere o “muito risco [que] passámos / à vela”, o mesmo é dizer que as velas das embarcações se rasgaram por causa dos ventos fortes e outras condições meteorológicas desfavoráveis à navegação. Há, no fundo, uma atitude de autocomiseração por parte do homem de Constança que, pela segunda vez, aponta os perigos vividos no mar com recurso ao advérbio de intensidade “muito”. Não é essa a imagem de heroicidade que a memória coletiva conserva do navegador português de antanho. Camões destaca a coragem e a superioridade do povo lusíada, quando recorda, no final do Canto I, est. 105-106, tudo o que de tormentoso os nautas experimentaram ao longo da viagem:

---

<sup>13</sup> No capítulo 54 da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, “Dos mais trabalhos que passámos nesta ilha e da maneira como milagrosamente nos salvámos”. Ora, a “maneira como milagrosamente” se salvaram foi através do saque de uma embarcação de chins, estratégia arquitetada por António de Faria (1479-1548), conhecido navegador português e explorador das terras do Oriente.

Ó grandes e gravíssimos perigos,  
 Ó caminho de vida nunca certo,  
 Que aonde a gente põe sua esperança  
 Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta e tanto dano,  
 Tantas vezes a morte apercebida!  
 Na terra tanta guerra, tanto engano,  
 Tanta necessidade avorrevida!  
 Onde pode acolher-se um fraco humano,  
 Onde terá segura a curta vida,  
 Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
 Contra um bicho da terra tão pequeno?<sup>14</sup>

Acerca da estadia na Índia, a curiosidade de Constança recai sobre a conduta do marido em termos de fidelidade conjugal (v. 484-492):

Ama	Alembra-vos eu lá?
Marido	E como.
Ama	Agora, aramá: lá há índias mui fermosas; lá faríeis vós das vossas e a triste de mi cá, encerrada nesta casa, sem consentir que vizinha entrasse por uma brasa, por honestidade minha.

As hipóteses levantadas pela Ama de “lá há(ver) índias mui fermosas” e de marido “lá” fazer das suas solicitam notícias sobre os comportamentos e as relações sociais que os portugueses tinham

<sup>14</sup> Cita-se a partir da edição organizada por Maria Vitalina Leal de Matos (2017).

em território indiano com os nativos. A resposta do retornado inclui, novamente, expressões reveladoras do desencanto que a Índia lhe causou (v. 493-497):

Marido      Lá vos digo que há fadigas,  
                  tantas mortes, tantas brigas,  
                  e p'rigos descompassados,  
                  que assi vimos destroçados,  
                  pelados como formigas.

Por outras palavras, as expectativas criadas em torno de uma terra promissora de riquezas fáceis saem defraudadas. A imagem que a personagem nos dá da Índia é a imagem de um território hostil, onde “há fadigas, / tantas mortes, tantas brigas, / e p'rigos descompassados”, notícias pouco animadoras, portanto, para quem possa querer aventurar-se rumo ao Oriente na esperança de ali encontrar um tesouro que o tornará rico, esperança que é também a de quem fica e aguarda (v. 498-500):

Ama            Porém vindes vós mui rico.  
Marido        Se não fora o capitão,  
                  eu trouxera a meu quinhão  
                  um milhão vos certifico.

Depois de, até ao momento, a Ama só ter ouvido relatos de notícias pouco animadoras, seria merecedor que a boa-nova de ter regressado rico fosse verbalizada pelo marido, mas essa expectativa esvai-se, lograda, pela notícia de que o capitão da armada, ou seja, Tristão da Cunha, se tinha apoderado do quinhão dos marinheiros que com ele embarcaram. Daí se supõe que havia corrupção e usurpação do poder por parte de quem chefiava as expedições marítimas às terras descobertas e achadas pelos portugueses durante os séculos XV e XVI.

Através da conversa entre Constança e o marido acabado de regressar da Índia,



veicula Gil Vicente vários pontos negativos desta empresa: os tormentos durante a viagem, a guerra constante que deixa os homens ‘destroçados’, o roubo que os Portugueses levam a efeito, a voracidade do capitão da arma e dos interesses dos intervenientes em conseguir maior quinhão. Depreende-se, desta forma, que, na empresa da Índia, é a busca de riqueza o objetivo fundamental e, neste caso, a guerra serve para sustentar uma empresa comercial, marcada pelo saque e pelo roubo (Cruz, 1990, p. 258).

O relato do marido pressupõe que épico é, na verdade, ele ter regressado vivo – e “gordo para espantar”, segundo as palavras da Moça –, facto que nem sempre sucedeu a muitos dos que deixaram Portugal rumo ao Oriente. É nesta linha de ideias que fazem sentido as considerações de Rómulo de Carvalho, o qual refere que o marido da Ama

é o representante dos portugueses anónimos que foram realmente à Índia, suportaram a dureza e as provações da viagem, lutaram desesperadamente contra todas as adversidades, delapidaram, violaram e conseguiram regressar ao lugar de onde tinham partido, agora abandonados e esquecidos, enquanto muitos outros se perderam pelo caminho, golpeados, apodrecidos, afogados, sem de si deixarem memória (Carvalho, 1995, p. 95).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Documento social afeto a uma época específica, o *Auto da Índia* assume-se como obra de referência para se ter conhecimento de uma realidade, ou faceta, muitas vezes ocultada pelos autores portugueses: os Descobrimentos e a expansão ultramarina não são apenas triunfos da História de Portugal, há também a versão do que não correu tão bem e, por isso, não foi digno de glorificação ou enaltecimento. A peça vicentina põe a descoberto circunstâncias reais que abalam a visão otimista que tem perdurado acerca dos feitos

portugueses na época das Descobertas. Segundo Luciana Stegagno Picchio,

é a outra face do imperialismo: não mais os cavaleiros da Fé montados em seus cavalos, de vitoriosas espadas em riste, mas a arraia-miúda, para quem o Oriente é o mais das vezes negócio magro, no qual se se salva a pele se perde a mulher pelo menos. Este povo não fala de cruzadas e apenas diz: 'Fomos ao rio de Meca, pelejámos e roubámos.' É um povo na oposição, cujo murmúrio de protesto é suficientemente alto para até nos *Lusíadas* ficar registado (Picchio, 1969, p. 67).

Assim sendo, tanto para o historiador moderno da época dos Descobrimentos como para o estudioso da literatura portuguesa da era de quinhentos, o *Auto da Índia* afigura-se, considerando os testemunhos de que se dispõe, um texto valioso para a compreensão dos efeitos nocivos que a empresa e expansão ultramarinas acarretaram para a sociedade portuguesa, não só a que viveu e experienciou o fenómeno das Descobertas, mas também a que sucedeu a esse período. Afinal, o presente reflete os atos passados, tenham sido motivo de glória e exaltação, tenham sido causa de vitupérios e de crises a diversos níveis.

RECEBIDO: 26/10/2025

APROVADO: 04/11/2025

## REFERÊNCIAS

ALVES, Hélio. Vicente, Shakespeare e a arte do tempo no *Auto da Índia*. *Revista de Guimarães*, n. 112, p- 333-358, jan-dez 2002.

BRAGA, Marques. Prefácio a Gil Vicente. In: VICENTE, Gil. *Obras Completas. Volume I*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora: 1974. p. IX – LXXXI.

CAMÕES, José de. Gil Vicente e o teatro português de Quinhentos. In: CARDOSO BERNARDES, José Augusto; CAMÕES, José de (Coord.). *Gil*

- Vicente. Compêndio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra-Imprensa Nacional: 2018. p- 49-66.
- CARDOSO BERNARDES, José Augusto. *Sátira e Lirismo no Teatro de Gil Vicente. Volume I*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.
- CARVALHO, Rómulo de. *O texto poético como documento social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- COSTA, Dalila Pereira da. *Gil Vicente e sua época*. Lisboa: Guimarães Editora, 1989.
- CROWLEY, Roger. *A rota das especiarias*. A disputa do século XVI que moldou o mundo. Lisboa: Presença, 2025.
- CRUZ, Maria Leonor García. *Gil Vicente e a Sociedade Portuguesa de Quinhentos*. Lisboa: Gradiva, 1990.
- FERNANDES, Isabel Maria. Alimentos e alimentação no Portugal Quinhentista. *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, p. 125-215, 2002.
- LEAL DE MATOS, Maria Vitalina (ed.). *Obras completas de Luiz Vaz de Camões*. I Volume. Épica & Cartas. Organização, introdução e notas de Maria Vitalina Leal de Matos. Silveira: E-Primatur, 2017.
- KOISO, Kioko. História Trágico-Marítima. *Navegações Portuguesas*, Instituto Camões, 2002-2005. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/fo4.html>. Acesso em: 26 out. 2025.
- LOPES, Graça Videira (ed. coord.). *Cantigas medievais galego-portuguesas*. Corpus integral profano. Vol. 1. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.
- MATOS, Emiliane; DIAS, Carlos; ALMEIDA, Agnes. Reflexões sobre o lugar da mulher na vida de esposa do emigrante. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 20, n. 2, p. 16-29, 2009.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues. *O Amor em Portugal na Idade Média*. Lisboa: Manuscrito, 2020.
- OUTEIRINHO, Fátima; OLIVEIRA, Teresa Martins de (orgs.). *Práticas e memórias de exclusão: o romance de adultério no século XIX*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2020.
- PALLA, Maria José. *Dicionário das Personagens do Teatro de Gil Vicente*. Lisboa: Chiado Editora, 2014.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História do Teatro Português*. Lisboa: Portugália Editora, 1969.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação. Volume I*. Edição cotejada com a 1.<sup>a</sup> edição de 1614. Leitura atualizada, introdução e anotações de Neves Águas. Edição comemorativa do 4.<sup>o</sup> centenário da morte de Fernão Mendes Pinto. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996.

RÉVAH, Israel S. Auto da Índia. In: PRADO COELHO, Jacinto do (dir.). *Dicionário de Literatura*. 1.<sup>o</sup> Volume. Porto: Figueirinhas: 1997. p. 76.

VELEZ, Maria Amélia. *O adultério casto*. Um olhar sobre o romance do século XIX. Évora: Universidade de Évora, 2001.

VICENTE, Gil. *As Obras de Gil Vicente*. Ed. sob a direção científica de José Camões. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa/Imprensa Nacional – Casa da Moeda: 2002. 5 v.

### **MINICURRÍCULO**

**RUI TAVARES DE FARIA** é doutorado em Literatura Portuguesa (2009), pela Universidade do Porto, e em Estudos Clássicos, Ramo de Poética e Hermenêutica (2023), pela Universidade de Coimbra. Atualmente, é Professor Auxiliar Convidado na Universidade dos Açores e Investigador Integrado do CECHE – Universidade de Coimbra e do CEHu – Universidade dos Açores. É autor de livros, capítulos de livros e artigos sobre a sua área de investigação.